

**PROPOSTA DE EMENDA CONSTITUCIONAL N. , DE 2003**  
**(Dos Srs. VICENTINHO, MAURÍCIO RANDS e outros)**

Altera o art. 37 da Constituição Federal estendendo o direito à negociação coletiva aos servidores públicos.

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte emenda ao texto constitucional:

Art. 1º O art. 37 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art.

37

.....  
.....  
VI – são garantidas ao servidor público civil, a livre associação sindical e a negociação coletiva, devendo a hipótese de acordo decorrente desta última ser aprovada pelos respectivos Poderes Legislativos”.

Art. 2º Esta emenda constitucional entra em vigor na data da sua publicação.

## JUSTIFICAÇÃO

O ordenamento constitucional de 1988 trouxe avanços nas relações entre os servidores e a administração pública. Introduziu o direito à sindicalização antes vedado pela CLT. Assegurou o direito de greve antes proibido pelo art. 162 da carta constitucional anterior. Ficou a meio caminho, todavia. Deixou de consagrar o direito à negociação coletiva, tal como o fazem as constituições de países democráticos como os EUA, o Reino Unido, a Itália e a Espanha.

Trata-se de contradição que não resiste sequer à lógica do sistema. Como esclarece a Organização Internacional do Trabalho através de sua Convenção 151, ainda não ratificada pelo Brasil, os direitos de sindicalização e de greve estão intrinsecamente vinculados ao direito à negociação coletiva. A associação sindical visa à proteção dos interesses dos servidores que, para tanto, podem até mesmo recorrer à paralisação coletiva dos serviços, segundo o modelo constitucional de 1988. Mas para defender seus interesses, sobretudo as condições da prestação de serviços, imprescindível se faz que eles possam negociar coletivamente com a contraparte. Que, no seu caso específico, é a administração pública.

A tradição de nosso direito administrativo é a de que o direito à negociação coletiva seja negado aos servidores públicos. O argumento é o de que as despesas que o procedimento acarreta, mormente às relativas ao aumento de vencimentos, envolvem a iniciativa privativa do Chefe do Poder Executivo. É o que está expresso no art. 61, § 1º, I, a. A matéria, para a doutrina conservadora tradicional, teria a iniciativa privativa do Executivo e teria que ser aprovada pelo Legislativo. Estaria assim preservada a competência do Legislativo para aprovar em última instância despesas que serão realizadas com os recursos da população.

Para esses, o raciocínio acima explicitada seria óbice insuperável ao direito de negociação dos servidores. Ocorre que é possível compatibilizar os dois princípios, a saber, a prática da negociação como corolário dos direitos de sindicalização e de greve, por um lado, e a iniciativa privativa do Executivo para obter do Legislativo a autorização das despesas que honrarão o acordado.

Esta mesma aparente contradição foi superada já em 1980 no Ordenamento Italiano. Naquele ano foi aprovada a famosa Legge Quadro 83, que instituiu o procedimento na administração pública. O modelo adotado estabeleceu que a administração e os sindicatos de servidores devem negociar uma ‘hipótese de acordo’. Depois de submetida à Corte de Contas e ao Gabinete Ministerial, a ‘hipótese de acordo’ é remetida ao Parlamento que, em nome do povo, aprova o seu conteúdo através da edição de uma lei.

Procedimento similar é adotado pelo modelo espanhol, para ficar em dois ordenamentos jurídicos de tradição romanística como a brasileira.

É nesta perspectiva que se enquadra a proposição que ora trazemos ao Congresso Nacional. Coerente com a Doutrina da OIT, sobretudo a Convenção 151 que recomenda a negociação coletiva no serviço público, a proposta respeita a iniciativa do Executivo e a competência última do Legislativo para autorizar despesas. Ao mesmo tempo, dá consequência aos institutos da sindicalização e da greve que foram estendidos aos servidores públicos pelo constituinte de 1988.

Fundados nestes princípios, podemos lembrar a recente experiência da Prefeitura do Recife desde 2001, data da posse do Prefeito João Paulo, do PT. Visando democratizar as relações com os servidores, aquele governo municipal introduziu a Mesa Permanente de Negociações. Além da negociação principal celebrada anualmente na data-base dos servidores, ficou assegurado um canal permanente para discussão das reivindicações do funcionalismo, garantida a mais ampla transparência sobre os dados administrativos e financeiros do município. O resultado é que desde o início do novo governo, apesar dos constrangimentos da Lei de Responsabilidade Fiscal e da própria dificuldade orçamentária da cidade, a relação com os servidores tem sido pautada por uma recuperação gradual do poder aquisitivo dos vencimentos e pelo respeito mútuo fundado na discussão e no entendimento entre as partes. É esta experiência que pode ser facilitada pela mudança constitucional ora proposta, viabilizando a sua ampliação em todas as esferas da administração pública brasileira.

Lembramos ainda da atitude do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, que não se limitou a apenas oferecer um reajuste aos servidores públicos federais, mas também constituindo um grupo envolvendo vários ministérios e a representação dos servidores públicos federais para um diálogo permanente a respeito das relações de trabalho. Fato este inédito para as negociações futuras.

É importante ressaltar que as negociações são mecanismos decisivos para a conquista da estabilidade social, objetivando as melhores condições para o poder executivo e trazendo satisfação aos servidores que, por consequência, traduzirão em melhoria do serviço público à população.

Sala das sessões, em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2003

**Deputado VICENTINHO**

**Deputado MAURÍCIO RANDS**